

Crise do real resolve-se com a conversibilidade

DOMINGO F. CAVALLO

A melhor contribuição que, neste momento, os dirigentes argentinos podem dar aos nossos vizinhos brasileiros é elogiar publicamente os méritos do regime de conversibilidade monetária. Se os líderes brasileiros quisessem, poderiam pôr fim, de imediato, à crise que está causando tantos danos à região.

Para quem conhece bem a experiência do regime que nos rege desde 1.º de abril de 1991, deve ser fácil perceber que o Brasil resolverá a sua crise se aplicar nosso sistema de conversibilidade. E o País está nas melhores condições possíveis para fazer isso.

A 1,50 real por dólar, o Brasil tem reservas maiores do que necessita para apoiar todos os reais em circulação. Seu sistema financeiro está mais desenvolvido e é muito mais sólido do que era o da Argentina em março de 1991.

Isso é uma garantia de que poderá funcionar sem nenhuma dificuldade com o sistema bimonetário que deveria acompanhar a conversibilidade do real. A intermediação financeira em reais e em dólares, com as mesmas regras para as duas moedas, poderia ser feita no Brasil da noite para o dia.

O déficit fiscal tenderia a desaparecer em prazo muito curto, por duas razões. Por um lado, é certo que o Brasil conseguirá atingir os 2,5% de superávit primário que estabeleceu como meta no seu programa fiscal para 1999. Está conseguindo aprovar todas as leis de que necessitava, e, além disso, a conversibilidade produziu a recuperação imediata do nível de atividade econômica – portanto, não haverá risco de perda da arrecadação por causa da recessão.

Por outro lado, com o mesmo

regime monetário, o custo da dívida pública do Brasil se reduziria a um terço do que o País está pagando agora. Ele só precisa optar pelo financiamento interno em dólares a 10% ao ano, em vez do financiamento em reais, a mais de 30% ao ano.

Isso significa que, em lugar de arcar com um custo da dívida pública de 9% do PIB, o Brasil passaria a ter um custo inferior a 3%, como sucede com a Argentina.

Com um superávit primário de 2,5% e juros não superiores a 3%, o déficit seria de 0,5% do PIB, isto é, seria praticamente insignificante. As taxas de juros em reais cairiam e a demanda interna seria reativada, como ocorreu logo após o lançamento do Plano Real, em 1994.

A população sentirá um pequeno reajuste dos preços, decorrente do salto cambial do real, de R\$ 1,20 para R\$ 1,50 – ajuste que se produzirá de qualquer modo, mas o Brasil começaria, imediatamente, a viver no clima de estabilidade que conseguiu com o Plano Real.

Sistema conversível permite unificar as moedas do Brasil e da Argentina

Brasil poderiam estabelecer um acordo de união monetária e começar a operar uma moeda comum, uma vez que o peso e o real começariam a ser idênticos em todas as propriedades. Bastaria unificar sua denominação, sem nenhuma mudança nos preços relativos internos.

Com a experiência argentina de crescimento econômico anual de 4% da produtividade obtida ao longo da década de 90, argentinos e brasileiros poderiam explicar ao mundo os fenomenais avanços que a produção desse resultado no Brasil significaria para o Mercosul e o mundo.

A partir do momento em que



Domingo Cavallo: "É impossível que os Estados Unidos tenham hoje o mínimo interesse em ceder sua soberania em prol de uma união monetária continental"

Epitácio Pessoa/AE

se contasse com a moeda comum conversível e um sistema financeiro bimonetário, bastaria um período de cinco a dez anos de crescimento econômico rápido, com base em aumentos da produtividade maiores do que os da economia americana, para que nossa moeda comum tendesse a se valorizar em relação ao dólar.

Esse seria o momento de recuperar plenamente a soberania monetária, com um Banco Central regional semelhante ao recém-criado Banco Central Europeu.

Para que os dirigentes brasileiros nos entendam, nós, os argentinos, devemos explicar-lhes que a conversibilidade monetária reduziu a dolarização da economia nacional. Em março de 1991, circulavam na Argentina 20 bilhões de dólares em papel-

moeda e o equivalente a 4 bilhões de dólares em austrais. Hoje, os dólares estão no Banco Central, investidos em forma líquida e ganhando juros de 4% ao ano e na Argentina circulam mais de 30 bilhões de pesos!

A conversibilidade não dolariza uma economia. O que a dolariza é a inflação. Os brasileiros utilizarão cada vez mais dólares se

não adotarem um regime de conversibilidade. Mas se, ao contrário, imitarem a Argentina terão uma moeda local mais digna de crédito e estarão construindo, como nós, as

bases para recuperar, no futuro, a soberania monetária que a inflação destruiu.

Se o Brasil não interromper o processo inflacionário que está se iniciando desde a queda do real, a possibilidade de que o

Mercosul venha a ter algum dia uma moeda como o euro se distanciará do horizonte.

Se o Brasil imitar a Argentina e, logo depois de adotar a conversibilidade, brasileiros e argentinos unificarmos nossas moedas, ao fim de cinco ou dez anos poderemos estar fazendo política monetária soberana, como hoje fazem os europeus com o euro. Esta deve ser a nossa mensagem aos brasileiros.

Erro político – Por isso, os que induziram o presidente Carlos Menem a falar em dolarização completa de nossas economias o fizeram cometer um grave erro político. Destaco que não é um erro técnico, mas político.

Hoje, na Argentina, no Brasil ou qualquer outro país latino-americano, a dolarização completa só poderá surgir de uma decisão unilateral. Isso significa renunciar para sempre à possibilidade de que o país que a adotar tenha uma política monetária soberana.

É impossível que os Estados Unidos possam ter, hoje, o mínimo interesse em ceder sua própria soberania em prol de uma união monetária continental. Mas, paradoxalmente, é muito provável que comecem a considerar essa possibilidade quando virem que o Mercosul passou a ter uma moeda capaz de competir com o dólar, como faz hoje o euro.

Em síntese, temos de deixar de falar em dolarização e nos fazer ouvir, como em 95, para explicar que a conversibilidade é o melhor sistema monetário a que poderia aderir uma economia emergente, com longa história inflacionária. Só assim teremos chances de convencer os brasileiros e contribuir para que, juntos, resolvamos o gravíssimo problema representado pelo colapso do real.

■ O economista Domingo Cavallo é consultor e foi ministro da Economia da Argentina. Este artigo foi publicado no jornal "La Nación".

Quem sugeriu a dolarização na Argentina cometeu um grave erro político